

**LEO MAASBURG**

MADRE TERESA  
*Uma vida maravilhosa*



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maasburg, Leo

Madre Teresa : uma vida maravilhosa / Leo Maasburg ; [tradução Maria Lin de Sousa Moniz]. – São Paulo : Paulinas, 2015. – (Coleção memória)

Título original: Mutter Teresa : die wunderbaren Geschichten

ISBN 978-85-356-4004-5

1. Espiritualidade - Igreja Católica 2. Teresa, de Calcutá, Madre, 1910-1997 3. Vida cristã I. Título. II. Série.

15-07885

CDD-271.97

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Madre Teresa de Calcutá : Vida e obra : Cristianismo 271.97

Título original da obra: *Mutter Teresa. Die wunderbaren Geschichten*

© 2010 by Pattloch Verlag GmbH & Co. KG, München – www.droemer-knaur.de.

Este livro foi negociado através da Ute Körner Literary Agent, S.L., Barcelona – www.uklitag.com

**Direção-geral:**

*Bernadete Boff*

**Editora responsável:**

*Andréia Schweitzer*

**Tradução:**

*Maria Lin de Sousa Moniz*

**Copidesque:**

*Cirano Dias Pelin e Simone Resende*

**Coordenação de revisão:**

*Marina Mendonça*

**Revisão:**

*Sandra Sinzato*

**Gerente de produção:**

*Felício Calegari Neto*

**Projeto gráfico:**

*Manuel Rebelato Miramontes*

**Capa:**

*Janko Hnilica*

**Caderno de fotos:**

*Pejacsevich – p. 6 inferior;*

*Photo Service/L'Osservatore Romano – p. 9 superior;*

*Janko Hnilica – p. 10 inferior;*

*Petrie – p. 13 superior;*

*Leo Maasburg – as demais.*

**1ª edição – 2015**

---

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

---

**Paulinas**

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.org.br> – [editora@paulinas.com.br](mailto:editora@paulinas.com.br)

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2015

# Sumário

PREFÁCIO – O que ela gostaria que se escrevesse? .....	9
CAPÍTULO 1 – Amor à segunda vista.....	13
CAPÍTULO 2 – No Vaticano.....	21
CAPÍTULO 3 – Como se encomenda um santo.....	32
CAPÍTULO 4 – A segunda vocação de Madre Teresa.....	39
CAPÍTULO 5 – Os pobres são pessoas maravilhosas.....	46
CAPÍTULO 6 – Os “negócios” de Madre Teresa .....	57
CAPÍTULO 7 – Fale de Jesus!.....	66
CAPÍTULO 8 – Fazer pequenas coisas com grande amor.....	75
CAPÍTULO 9 – Junto dos mais pobres dos pobres.....	89
CAPÍTULO 10 – Contemplativa no meio do mundo .....	96
CAPÍTULO 11 – Sedução avassaladora .....	104
CAPÍTULO 12 – Como pegar touros pelos chifres.....	115
CAPÍTULO 13 – Almas necessitadas.....	124
CAPÍTULO 14 – No reino do Mal.....	131
CAPÍTULO 15 – Natal soviético.....	145
CAPÍTULO 16 – Aventura armênia .....	153
CAPÍTULO 17 – Com peregrinos, prostitutas e políticos .....	167
CAPÍTULO 18 – Entre hindus e muçulmanos .....	175
CAPÍTULO 19 – A voz dos sem-voz .....	184
CAPÍTULO 20 – É obra dele! .....	195

CAPÍTULO 21 – Sofrimento e morte.....	207
CAPÍTULO 22 – No auge da sua santidade .....	214
CAPÍTULO 23 – Madre Teresa está viva!.....	223
Agradecimentos do autor .....	230

Jesus is the hope  
of Mankind  
for He came to give  
us the good news  
that God is love  
and that He loves us  
and that He wants  
to love each other as  
God loves each one of us.

Jesus é a esperança da humanidade,  
pois ele veio até nós para nos trazer a Boa-Nova  
de que Deus é amor, que ele nos ama  
e que ele quer que nos amemos uns aos outros,  
assim como ama cada um de nós.

## PREFÁCIO

# O que ela gostaria que se escrevesse?

Madre Teresa faz parte das personalidades mais marcantes do século XX. Ela é, como admitem ateus e críticos sem reservas, uma figura proeminente da história contemporânea e da história da Igreja. Mas, sobretudo, ela foi e é uma mulher fascinante. É o que vejo nos olhos brilhando de muitas pessoas que me pedem para falar sobre Madre Teresa assim que sabem que tive a oportunidade de estar próximo dela durante alguns anos.

Por que razão as pessoas deste século se interessam por uma mulher santa do século passado, que nunca conheceram pessoalmente?

Nesta nossa época de frenesi e velocidade, em que todos correm atrás da moda, o que se pode encontrar de tão interessante e arrebatador numa freira que, ao ouvir a observação arrogante de um crítico dizendo que ela e a sua teologia tinham duzentos anos de atraso, respondeu sorrindo: “Não, dois mil anos!”.

Nas inúmeras viagens em que pude acompanhá-la nos seus últimos anos de vida pude sentir parte da aura e do fascínio da sua personalidade.

Para o nosso mundo midiático, em que tanto se aspira à fama, ela era uma *estrela* invulgar, inconfundível e resplandecente: não rodeada por ricos e elegantes, mas pelos mais pobres dos pobres, pelos aleijados, pelos marginalizados da sociedade. Uma personalidade poderosa e inteligente, carismática e humilde, que não queria mandar, mas servir.

Um exemplo inovador, cujo êxito visível consiste no fato de tantas jovens, em todo o mundo, através da sua atuação e exemplo, terem alegremente decidido seguir Jesus e nele encontrar o sentido da vida.

Muitos homens e muitas mulheres de todas as gerações deixaram-se inspirar pelo amor de Madre Teresa a Jesus. Uma *estrela* que, contrariada, esteve sob os holofotes, ainda assim utilizando-as de forma bem impressionante para fazer as suas boas ações.

Madre Teresa nunca se colocou no centro. No entanto, se fosse empurrada para as luzes da ribalta por outros – e depois da atribuição do Prêmio Nobel da Paz em 1979 isso tornou-se praticamente uma constante –, ela aproveitava a oportunidade para apontar para Cristo. De diversos lados existia e continua a existir uma disputa, mais por motivos nacionais do que católicos, sobre a quem pertence Madre Teresa. Ela mesma não teria desejado isso, mesmo não renegando as suas origens. Numa das raras declarações sobre si mesma, Madre Teresa disse: “Sou albanesa de nascimento, hoje sou cidadã indiana. Sou também uma freira católica. No que diz respeito ao meu trabalho, pertença a todo o mundo, mas, no fundo do coração, só a Cristo pertença”. Fica, assim, inequivocamente esclarecida a questão da pertença.

Será que tudo isso não desaconselha a escrever um livro sobre Madre Teresa? Ainda mais quando não pretende ser científico nem biográfico, mas baseando-se em acontecimentos, memórias e apontamentos do autor? Ou, colocando a questão de outra forma: o que Madre Teresa gostaria que eu escrevesse neste livro?

Possivelmente, ela daria a mesma resposta que me deu num belo dia de outono em Viena, era eu um padre recentemente ordenado. Nunca antes tinha sido incumbido de orientar um retiro, muito menos de religiosas. Foi quando Madre Teresa me surpreendeu com a pergunta: “Padre, você pode orientar o retiro das Irmãs?”.

Honrado e ao mesmo tempo inseguro, perguntei quando seria. Ela disse: “Amanhã”.

E eu, ainda mais inseguro: “Mas, Madre, nunca fiz isso! Do que terei de falar?”.

A resposta saiu rápida que nem um tiro: “Fale de Jesus! Do que haveria de ser?”.

Quando as pessoas perguntavam por sua vida e pormenores biográficos, Madre Teresa geralmente se escusava: “Não gosto muito de falar sobre mim, porque, quando as pessoas falam ou escrevem sobre mim, falam ou escrevem pouco sobre Jesus”.

Assim, espero, com este livro, colocar sob a luz certa a atuação e a personalidade de Madre Teresa e, sobretudo, aquele dedo indicador com que ela sempre apontava para Jesus. Este livro sobre Madre Teresa há de, pois, mostrar aquele a quem, em última instância, ela queria levar todos: Jesus Cristo.

*Leo Maasburg*



## CAPÍTULO 1

# Amor à segunda vista

Ela era fascinantemente normal, por mais extraordinários que pudessem ser a sua vida, o efeito que causava nas pessoas e as histórias ainda bem vivas.

Por um lado, a própria Madre Teresa ultrapassava todas as normas conhecidas; por outro, era completamente natural, realmente “normal” e, por isso mesmo, fascinante. Durante o tempo em que estive a seu lado, observei Madre Teresa, estudei-a e admirei-a. À primeira vista, fez-me lembrar a minha avó.

Tal como ela, tinha não só centenas de rugas e marquinhas no rosto, mas também certos traços geracionais. Madre Teresa era severa e disciplinada consigo mesma e, ao mesmo tempo, bondosa, preocupada e extremamente paciente com os outros. Como muitos idosos, tinha também os lábios finos e severos, que ela, por vezes e de acordo com a situação, empurrava para a frente, num trejeito de aborrecimento; inclinava a cabeça um pouco para o lado e ouvia com ar cético – no entanto, com grande atenção – os que a procuravam.

Em outros momentos, de novo com os lábios empurrados para a frente, balançava a cabeça de um lado para o outro, qual enólogo ao provar a nova colheita pela primeira vez. Quem a

conhecia sabia que, em tais momentos, uma decisão importante estava prestes a surgir. E os lábios empurrados para a frente acabavam também muitas vezes por desaparecer entre as mãos e as maçãs do rosto enrugadas – é que, quando apoiava a cabeça pesada nas mãos gastas e visivelmente marcadas pelas artroses, assim se abstraindo do mundo, Madre Teresa detinha-se em conversa com o seu Senhor.

Aqui chegamos a um ponto importante da sua personalidade: a própria Madre Teresa era aquilo que ela exigia das suas Irmãs, isto é, uma “contemplativa do mundo”. Todas as suas ações e toda a sua atenção aparentemente voltada para o mundo ocultavam a maior parte do seu ser. Este permanecia – como um “iceberg” – escondido da superfície, melhor dizendo, voltado para dentro: contemplativo, mergulhado na adoração de Deus, do seu amor e da sua ação no mundo. Guardava um segredo pessoal, do qual nós nada sabíamos, uma profunda dor mística: a “noite da alma”, um anseio insatisfeito e ardente pela proximidade de Deus que só depois da sua morte se tornou conhecido.

Quando visitei Calcutá pela primeira vez, ia numa atitude ainda bastante crítica. Queria observar concretamente de que forma a espiritualidade e a devoção de Madre Teresa influenciavam a sua prática e a das Irmãs. Então, sentei-me na capela, num ângulo propício em relação a Madre Teresa, apenas para observar como ela rezava. Apresentava um ar completamente absorto enquanto estava de joelhos, no chão ou em cima de um tapete, em profunda devoção, de olhos fechados e depois de novo com as mãos apertadas contra o rosto.

Pouco depois, percebi que, lá fora, à porta da capela, um fotógrafo, nervoso, andava de um lado para o outro. Era evidente

que ele queria falar com Madre Teresa, não se atrevendo, contudo, a ir incomodá-la. De repente, uma Irmã se dirigiu a ele, indicando-lhe que avançasse em silêncio. Ele descalçou os sapatos, entrou na capela, mas hesitou em ajoelhar-se junto de Madre Teresa. “Ela agora vai ficar aborrecida”, pensei eu, curioso para ver como ela reagiria.

Ela deve ter ouvido ou pressentido quando ele se ajoelhou a seu lado, erguendo então o olhar e acolhendo-o com um sorriso resplandecente. A sua atenção era agora toda do fotógrafo. Ele lhe disse a que vinha em poucas palavras. Ela lhe respondeu. Ele se levantou e saiu da capela. E antes que ele tivesse chegado à rua Madre Teresa já se encontrava de novo em profunda oração.

O que me impressionou nessa cena breve foi o fato de nem o mínimo gesto de contrariedade ou de mau humor se notar em Madre Teresa. Pelo contrário, era como se ele lhe tivesse trazido uma dádiva com o fato de a ter “incomodado” enquanto orava. Só mais tarde percebi que o próprio Jesus estava tão presente nas pessoas com quem ela se encontrava que, ao interromper a oração – a conversa viva com Jesus, portanto –, apenas mudava de Jesus em Jesus.

Uma das autodescrições mais bonitas e verdadeiras de Madre Teresa encontra-se numa frase que ela proferiu diante de um grupo de jornalistas. Um deles disse: “Madre Teresa, aquilo que a senhora faz é tão maravilhoso!”. Ao que ela respondeu: “Sabe, eu sou apenas um pequeno lápis na mão de Deus, um Deus disposto a escrever uma carta de amor ao mundo”.

Com isso Madre Teresa queria dizer que devemos deixar-nos usar por Deus da mesma forma que usamos um lápis: do mesmo modo que eu preciso de um lápis para escrever e, assim, passar

para o papel aquilo que penso e quero dizer, assim Deus se serve de nós para expressar-se. E aqui reside a grandeza e, simultaneamente, a humildade de Deus: que ele se sirva de nós, seres imperfeitos, para mostrar a sua grandeza. Se, de fato, lhe pertencemos e o queremos servir, então temos de permitir que ele se utilize de nós da forma que lhe aprouver.

Mas com isso já estou me antecipando mais do que devia neste ponto do livro. Voltemos, então, outra vez, ao princípio.

\* \* \*

Tive oportunidade de conhecer Madre Teresa quando ainda era estudante. Na época, eu era um colaborador próximo do Bispo eslovaco Pavol Hnilica, exilado em Roma, que, através da obra de assistência “Pro Fratibus”, por ele fundada, prestava apoio à Igreja clandestina do antigo Bloco do Leste. Ele conhecera Madre Teresa em 1964, num congresso eucarístico em Bombaim (hoje Mumbai), reconhecendo de imediato a personalidade que tinha diante de si. Insistiu, então, com o Papa Paulo VI, acabando por conseguir que este a convidasse a ir a Roma. O Bispo Hnilica ajudou também a instalar a primeira comunidade das Missionárias da Caridade no bairro Tor Fiscale, nos arredores de Roma.

Enquanto colaborador do bispo, eu estava presente quando Madre Teresa chegou e quando o Bispo Hnilica a foi visitar na sua comunidade romana de São Gregório, embora preferisse manter-me um pouco afastado. Tinha a ideia de que devíamos deixá-la em paz, tanto mais que, em tais ocasiões, como era costume, Madre Teresa seria assediada por visitantes checos

e eslovacos, sempre em grande número em torno do Bispo Hnilica.

Roma estava, pois, cheia de personalidades interessantes. Inconscientemente, também a tinha incluído nessa categoria. Logo no primeiro encontro de fato, Madre Teresa derrubou todos os meus preconceitos. Em vez de se reunir com o bispo e os seus visitantes e de se exhibir, levou-os todos para a capela, ajoelhou-se e permaneceu em oração diante do Sacrário. Não era para ela mesma nem para a sua obra que queria conduzir-nos, mas para o Sacrário!

A graça de me aproximar de Madre Teresa após a minha ordenação, em 1982, e de poder acompanhá-la durante vários anos nas suas viagens, devo, em última instância, ao fato de o Bispo Hnilica possuir o carisma de não falar inglês. Os dois até conseguiam entender-se – ele em eslovaco, ela em sérvio –, de forma rudimentar e direta, mas, quando se tratava de questões mais complicadas, precisavam de um intérprete. E foi assim que entrei em cena. Em uma das minhas primeiras missões como intérprete, sendo padre novato, num momento em que o Bispo Hnilica saiu e eu fiquei a sós com Madre Teresa, perguntei-lhe o que devia fazer um padre recentemente ordenado caso sentisse, no seu coração, que devia ir para a Rússia em missão. A resposta saiu disparada que nem um tiro: “Ele deve fazer o que o seu bispo lhe determinar”.

Fui apanhado de surpresa e perguntei, para me recompor: “Mas se o bispo não disser nada, o que deve ele fazer?”.

Madre Teresa refletiu por uns instantes e respondeu: “Nesse caso, deve fazer o que o papa lhe disser”.

E seria assim que viria acontecer mais tarde: acabou por ser do Papa João Paulo II que recebi indiretamente a missão de ir com Madre Teresa primeiro para Moscou e depois para a Armênia. O secretário de Estado, o Cardeal Angelo Sodano, conferiu-me, em nome do papa, todos os poderes necessários.

\* \* \*

Dotada de sentido pragmático e muito prático, Madre Teresa tinha a capacidade de, em encontros ocasionais – e desses havia inúmeros –, conseguir ajuda e apoio para a sua obra e para os seus planos. No meu primeiro encontro mais prolongado com Madre Teresa, depois de ter terminado o trabalho de intérprete entre ela e o meu bispo, nem tinha decorrido um minuto quando ela se percebeu que eu possuía um carro. Pediu-me, de imediato, que levasse três das suas Irmãs ao aeroporto à tarde. Às três da tarde daquele domingo encontrava-me eu, então, no estacionamento diante da casa das Missionárias da Caridade em São Gregório, Roma. Madre Teresa também lá estava e “entregou-me” as três Irmãs. Cada uma trazia uma caixa de papelão aberta debaixo do braço. Ao carregar as coisas no porta-malas, vi o conteúdo das caixas: um colchão de dormir enrolado, dois saris dobrados, uma Bíblia, um livro de orações e alguns objetos pessoais.

“Vamos para um passeio no campo?”, perguntei às Irmãs, um tanto quanto provocador, apontando para a pouca bagagem.

“Não, vamos para o aeroporto”, foi a resposta.

“E então para onde?”, quis eu saber.

“Para a Argentina”, respondeu-me, radiante, uma das Irmãs, que eu facilmente poderia tomar por uma adolescente.

“E durante quanto tempo? Uma, duas semanas?”

“Oh, não, por cinco a dez anos, no mínimo!”

Ainda à procura de uma explicação para tão escassa bagagem, inquiri desde quando sabiam da mudança.

“Desde hoje de manhã. Depois de professarmos os nossos votos, Madre Teresa nos incumbiu da nossa nova missão. Estamos tão felizes!”

Calado, apenas podia comparar a minha obediência de padre com a delas, e o resultado ainda hoje me ocupa o pensamento.

Aprendi, então, que a obediência, no seio das ordens religiosas, vai bem mais longe do que no seio dos padres seculares. Esta disponibilidade absoluta para a tarefa que se recebe de cima marcou-me o pensamento. Madre Teresa sabia exatamente qual a autoridade que convém a cada um: ela não era subserviente de todo, mas era muito obediente. Nunca teria feito nada para causar boa impressão junto a um superior, um bispo ou um cardeal. Ela também sempre sabia distinguir entre a determinação de um bispo no âmbito das suas competências e fora delas.

Quando Madre Teresa se encontrou certa vez com o Cardeal Franz König, à margem de um sínodo, e este lhe perguntou como se sentia no meio de tantos bispos, ela respondeu: “Sabe, senhor cardeal, de fato não entendo tudo o que aqui se diz e se relata, mas penso para comigo: às vezes, é capaz de ser mais importante rezar pelos bispos do que ouvi-los”.

As jovens Irmãs que eu tinha levado para o aeroporto tinham recebido a sua tarefa de manhã, descobrindo para onde teriam

de viajar à tarde. E obedeceram alegremente. Mais tarde, pude comprovar muitas vezes que esta espécie de missão é sistemática entre as Missionárias da Caridade. Depois de as Irmãs terem professado os seus votos numa igreja e terem entregue os votos escritos nas mãos de Madre Teresa, veio a missão, que, de forma muito marcante, tornava visível a essência do voto: pobreza, castidade, obediência e “serviço não remunerado, de todo o coração, aos mais pobres dos pobres”.

Após a celebração litúrgica, as novas Irmãs dirigiram-se à sacristia, onde Madre Teresa assinou as ordens, entregando-as a cada uma delas. Constava na folha: “Querida Irmã..., envio você para...”. Madre Teresa escrevia então, à mão, o nome da Irmã e o respectivo país. Por baixo, acrescentava: “Que Deus a abençoe. Madre M. Teresa MC”.

Nada disso sabia eu ainda quando levei as três Irmãs para o aeroporto em Roma. No entanto, já tinha pressentido algo do espírito de Madre Teresa e da sua obra. No regresso, fiz questão de informar Madre Teresa de que as Irmãs haviam partido bem. À minha espera já havia chá e biscoitos. E depois veio ela pessoalmente. “Para me agradecer”, pensei logo; mas, de imediato, recebi a tarefa seguinte: “Padre, você poderia me levar ao Vaticano amanhã?”.